Laura Bellini

Tudo o que eu não pedi

Duas visões diferentes.
Uma atração que ninguém poderia planejar.

Tudo o que eu não pedi

Duas visões diferentes. Uma atração que ninguém poderia planejar.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384902868

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Limites na planta.....13
Capítulo 2 - Um acordo sem letras miúdas 24
Capítulo 3 - Entre a parede e o fogo 39
Capítulo 4 - O sabor das coisas não ditas..... 50
Capítulo 5 - O direito de dizer não 61
Capítulo 6 - A distância de uma respiração 73
Capítulo 7 - O que não aparece na planta 83
Capítulo 8 - Lugares aos quais voltamos 93
Capítulo 9 - O risco incluído no orçamento.....103
Capítulo 10 - Intimidade sem planejamento..... 112
Capítulo 11 - Do outro lado da manhã 122
Capítulo 12 - Mudanças depois do anoitecer 132
Capítulo 13 - O preço das decisões dos outros.....142
Capítulo 14 - A verdade entre nós.....152
Capítulo 15 - Tudo o que eu não aprovei..... 161
Capítulo 16 - O espaço do qual não vou abrir mão 172
Capítulo 17 - Com as próprias mãos..... 181
Capítulo 18 - O custo da reparação.....190
Capítulo 19 - O que permanece depois do reparo.....198
Capítulo 20 - Tudo o que escolhemos 209

INTRO

A primeira coisa que vi ao entrar no bistrô foi uma parede pintada de bordô.

A segunda foi um homem parado diante dela, com uma xícara de café na mão e uma expressão de quem estava satisfeito demais consigo mesmo.

O problema era que a parede deveria continuar branca.

Não marfim, não creme e muito menos aquele bordô profundo que lembrava vinho tinto derramado sobre uma toalha de mesa. Deveria ser branca, de um tom quente, levemente puxado para o cinza. Foi assim que eu a projetei três semanas antes, quando vi aquele imóvel pela primeira vez, numa das ruas laterais de Gdynia, e compreendi que sua maior qualidade era a luz natural.

Agora, a claridade que entrava pelas janelas altas atingia a superfície escura, e senti aquela pressão familiar entre as sobrancelhas. A mesma que sempre aparecia quando alguém decidia que um projeto de interiores não passava de uma sugestão vaga.

— Por favor, me diga que isso é apenas um teste de cor — falei.

O homem virou a cabeça.

Tinha trinta e poucos anos, talvez estivesse mais perto dos quarenta, cabelos escuros, as mangas da camisa de linho dobradas casualmente até os cotovelos e o rosto de alguém que dormia menos do que deveria, embora raramente admitisse isso. Não era exageradamente bonito daquele jeito que costumava aparecer em propagandas de perfume. Em compensação, possuía algo muito mais

inconveniente: um olhar que se concentrava na pessoa à sua frente como se cada palavra dela pudesse ser interessante.

— Bom dia para você também — respondeu.

— Isso é um teste de cor?

Ele olhou para a parede e depois para mim.

— Depende de quanto você precisa ouvir uma boa notícia.

Coloquei minha bolsa com a documentação sobre a bancada mais próxima.

— Muito.

— Nesse caso, podemos considerar que é um teste de cor excepcionalmente grande.

Não sorri.

Ele sorriu por nós dois.

Meu nome era Mira Słowik, eu tinha trinta e dois anos e trabalhava havia sete como designer de interiores especializada em estabelecimentos gastronômicos. Durante esse tempo, aprendera que os proprietários de restaurantes se dividiam em dois grupos. Os primeiros contratavam um profissional porque realmente queriam aproveitar seu conhecimento. Os segundos precisavam de alguém que desenhasse aquilo que eles imaginavam e depois assumisse a responsabilidade por todos os problemas resultantes.

Eu ainda não sabia a qual desses grupos pertencia o homem diante de mim. Sabia, porém, que desde aquela manhã já tinha motivos suficientes para não tolerar improvisações.

No dia anterior, havia recusado uma proposta para voltar a trabalhar em um grande escritório de arquitetura em Varsóvia. Ofereciam-me um cargo de liderança, um salário excelente e a segurança que meu pequeno negócio jamais poderia garantir. Recusei porque, depois de cinco anos trabalhando para construir a reputação de outras pessoas, finalmente queria assinar projetos com meu próprio nome.

O bistrô em Gdynia seria o primeiro trabalho que eu poderia apresentar a futuros clientes sem precisar explicar por quais decisões havia sido realmente responsável.

E não pretendia começar com uma parede cuja cor eu não havia aprovado.

— Afinal, quem é você? — perguntei.

O homem ergueu as sobrancelhas.

— Uma pergunta bastante pessoal para alguém que conheço há três minutos.

— Sou a responsável pelo projeto deste espaço.

— Nesse caso, deveríamos ter nos conhecido antes.

Ele estendeu a mão.

— Kacper Gaj. Chef de cozinha. E o homem que vai passar mais tempo aqui do que no próprio apartamento.

Apertei sua mão. Era quente, seca, com um pequeno arranhão perto do polegar. Ele não prolongou o cumprimento além do necessário, mas me olhou diretamente nos olhos enquanto trocávamos nossos nomes.

— Mira Słowik — apresentei-me. — A pessoa que vai precisar explicar à investidora por que alguém mudou a cor de uma parede sem consultar ninguém.

— Tenho a impressão de que acabei de dizer quem sou.

— E eu tenho a impressão de que ainda não ouvi a resposta à minha pergunta.

Por alguns instantes, ele me observou com interesse. Depois, deixou a xícara de lado e se aproximou da parede.

— Venha até aqui.

— Para quê?

— Quero lhe mostrar uma coisa.

Não saí do lugar.

— Pode mostrar daí mesmo.

Ele olhou por cima do ombro. O sorriso não desapareceu completamente, mas perdeu um pouco da provocação.

— Justo. Ainda não nos conhecemos o suficiente para eu ficar lhe dando ordens.

Apontou para a janela e para o contorno do futuro balcão, marcado no piso.

— Às cinco da tarde, o sol bate exatamente aqui. Se a parede continuar clara, as pessoas sentadas no balcão vão ficar olhando para o reflexo da luz. Com uma superfície mais escura, o ambiente fica mais tranquilo.

Ele estava certo quanto à luz da tarde. Eu a havia considerado no projeto, motivo pelo qual encomendara persianas ajustáveis e luminárias com a temperatura de cor adequada. O que não tinha previsto era que alguém decidiria testar outra solução sem me pedir autorização.

— Entendo o que você quis conseguir — respondi. — Mas alterou um elemento que influencia todos os outros. O material do balcão, a cor do estofamento, até a percepção do espaço.

— Não mudei tudo.

— Ainda.

Ele soltou uma risada breve.

— Você sempre presume o pior?

— Normalmente, basta consultar a documentação.

Peguei meu tablet e abri a representação tridimensional do projeto. Mostrei a ele um corte do ambiente com os pontos de iluminação assinalados. Durante alguns minutos, conversamos exclusivamente sobre proporções, reflexos e materiais. Para minha surpresa, ele escutou com atenção. Fez perguntas específicas, não me interrompeu e, quando expliquei que a parede escura faria o teto parecer mais baixo, admitiu que não havia pensado nisso.

Aquilo era quase mais perigoso do que seu sorriso.

Um homem capaz de discutir sem levantar a voz era um adversário muito mais difícil do que alguém convencido de sua própria infalibilidade.

— De que material vai ser a bancada? — perguntou.

— De um composto sintético claro. Resistente a manchas, fácil de limpar.

— E se as pessoas quiserem ficar sentadas ali durante três horas?

— Deveriam pedir alguma coisa para comer.

Ele sorriu.

— Você realmente não pretende facilitar minha vida.

— Não fui contratada para facilitar sua vida.

— Uma pena. Eu já estava começando a ter esperanças.

A porta que levava à área de serviço se abriu. Um funcionário jovem, usando calças manchadas de tinta, colocou a cabeça para fora.

— Kacper, o fornecedor quer saber se devemos instalar aquelas peças de acabamento hoje ou amanhã.

— Que peças? — perguntei imediatamente.

O rapaz alternou o olhar entre ele e mim.

— As do revestimento do balcão. Trouxeram algumas peças extras, conforme a mensagem de ontem.

Kacper colocou a xícara sobre a bancada.

— Diga para deixarem tudo no depósito por enquanto.

— Espere um instante — interrompi. — Que mensagem?

Seguiu-se um silêncio no qual pude ouvir com mais clareza o ruído dos carros do lado de fora e as batidas das ferramentas na área de serviço. Kacper olhou para o funcionário e depois novamente para mim. Pela primeira vez desde que nos conhecêramos, não parecia um homem que sabia exatamente como conduzir aquela conversa.

— É apenas uma possibilidade adicional — explicou.

— Possibilidade de quê?

— De aproximar o balcão um pouco mais da cozinha. Alguns centímetros. Queria verificar se isso melhoraria a circulação.

Olhei para as linhas marcadas com fita adesiva no chão. De fato, uma delas seguia um trajeto diferente do previsto. Minha bolsa havia impedido que eu percebesse aquilo antes. Deslocar o balcão significava alterar a largura da passagem, a disposição das cadeiras e a distância em relação às mesas. Não era um detalhe que pudesse ser corrigido durante a instalação.

— Quem aprovou o pedido?

— Eu.

— Com base em qual desenho?

Kacper permaneceu calado por um instante.

— Um esboço preliminar.

— Meu?

— Não.

Guardei o tablet na bolsa, muito lentamente, porque precisava de alguns segundos para evitar dizer algo de que me arrependeria depois.

— Nesse caso, quero que suspenda a instalação. De tudo o que não estiver no projeto aprovado.

Dessa vez, ele não tentou me fazer rir.

— Tudo bem — respondeu.

Aquelas duas palavras me trouxeram alívio, embora não tanto quanto deveriam.

Meu telefone tocou. Na tela apareceu o nome de Julia, a investidora que havia me confiado o projeto do bistrô. Atendi e ouvi sua voz entusiasmada. Queria saber como estavam as obras, se eu já tinha conhecido Kacper e se gostara da energia que ele estava trazendo para o empreendimento. Antes que eu pudesse responder, anunciou que acabara de conversar com o empreiteiro e que nós três deveríamos nos reunir no dia seguinte para definir os últimos detalhes.

Prometi que estaria lá.

Quando encerrei a ligação, Kacper estava junto à janela. Não fazia questão de demonstrar que ouvira a conversa, mas também não fingia que não tinha escutado seu próprio nome.

— Julia? — perguntou.

Assenti.

— Temos uma reunião amanhã.

— Eu sei. Pretendo levar a planta da cozinha.

— A aprovada?

Ele se virou para mim com um leve sorriso.

— A que eu gostaria de lhe mostrar.

Eu deveria ter sentido apenas irritação. Em vez disso, percebi que sua voz se tornava mais suave quando falava daquele lugar e que havia em seu olhar uma atenção especial que eu ainda não tinha notado. Ele se importava com o bistrô. Talvez tanto quanto eu. A diferença era que cada um de nós entendia o que significava cuidar dele de uma maneira completamente distinta.

Passei o dedo pela borda do tablet.

— Kacper, você é capaz de aceitar que alguém lhe diga não e esteja realmente falando sério?

Ele ficou sério. Durante alguns segundos, olhou para mim sem sorrir, como se só naquele momento tivesse compreendido que a questão não era a tinta nem o balcão deslocado.

— Sou — respondeu finalmente. — E você é capaz de admitir a possibilidade de que outra pessoa também possa ter uma boa ideia?

— Claro. Desde que converse comigo primeiro.

O silêncio se instalou entre nós. Sob a luz do fim da tarde, a parede bordô parecia quase bonita. Eu não queria admitir aquilo, muito menos diante dele.

Kacper olhou para a documentação aberta que aparecia dentro da minha bolsa e depois voltou os olhos para mim.

— Então amanhã nós vamos conversar de verdade, Mira.

A maneira como ele pronunciou meu nome foi inesperadamente pessoal. Não invasiva. Apenas desprovida daquela cortesia profissional atrás da qual eu costumava me esconder com tanta facilidade.

Saí para a rua antes que conseguisse responder. Só parei ao lado do carro, sentindo no rosto o ar fresco que vinha do mar. Eu tinha pela frente um projeto difícil, um orçamento limitado e um chef de cozinha que considerava a própria intuição motivo suficiente para modificar as decisões dos outros.

E, no entanto, o que mais me inquietava era perceber que eu queria voltar no dia seguinte não apenas para recuperar o controle sobre o projeto.

Se ele conseguira me tirar do equilíbrio com tanta facilidade logo no nosso primeiro encontro, o que aconteceria quando eu mesma quisesse deixá-lo se aproximar?

Capítulo 1 - Limites na planta

Na manhã seguinte, cheguei ao bistrô vinte minutos antes do horário combinado para a reunião. Não porque quisesse ver Kacper mais cedo. Pelo menos era essa a explicação que eu dava a mim mesma enquanto estacionava o carro junto à calçada, ainda molhada pela chuva da noite anterior. Precisava de tempo para organizar a documentação com calma, conferir as medidas e me certificar de que ninguém havia interpretado nossa conversa do dia anterior como uma autorização para continuar fazendo experiências. Na bolsa, carregava plantas impressas, uma planilha de custos e amostras de materiais. Também havia preparado duas alternativas para a disposição do balcão, embora admitir que eu sequer estava considerando a proposta de Kacper me custasse mais do que deveria.

Parei por um instante diante da entrada. Através do vidro, conseguia ver o salão vazio, as fileiras de cadeiras encostadas na parede e o andaime ao fundo. A superfície bordô ainda dominava o ambiente. Vista de alguns metros de distância, porém, parecia diferente do dia anterior. A luz da manhã revelava nuances amarronzadas, mais suaves e menos dramáticas. A contragosto, admiti para mim mesma que aquela cor talvez pudesse fazer parte do conceito definitivo. Isso não significava que eu permitiria que uma decisão acertada por acaso justificasse a maneira como havia sido tomada.

— Se você ficar olhando por tempo suficiente, a parede muda de cor sozinha?

Virei-me. Kacper estava alguns passos atrás de mim, segurando uma sacola de papel e dois copos de café. Dessa

vez, vestia um suéter escuro, e seus cabelos pareciam ter passado por uma tentativa de arrumação no caminho para o trabalho, abandonada pela metade. Seu sorriso era mais cauteloso do que no dia anterior. Perguntei-me se ele realmente havia refletido sobre nossa conversa ou se simplesmente aprendera a reconhecer minha expressão.

— Estou considerando soluções mais radicais — respondi. — Como contratar alguém para devolver a parede à cor original.

— Então ainda bem que trouxe café. Podemos discutir os termos da rendição.

Ele estendeu um dos copos, mas não deu nenhum passo em minha direção.

— Preto, sem açúcar. Se errei, o outro tem leite.

— De onde você tirou que eu queria café?

— Eu não tinha certeza. Por isso estou perguntando.

Aquela pequena diferença entre oferecer e presumir não passou despercebida. Peguei o café preto e agradeci. Ainda não significava uma trégua, mas pelo menos podíamos entrar sem iniciar outro confronto.

Kacper abriu a porta e me deixou passar primeiro. Lá dentro, havia cheiro de madeira, reboco fresco e alguma coisa com especiarias. Só quando olhei para a sacola de papel percebi que ele também havia trazido comida. Colocou-a sobre uma mesa protegida por plástico, retirou dois pequenos pães doces e deslizou um deles em minha direção.

— Não é suborno — esclareceu.

— Ótimo, porque subornos costumam ser maiores.

— Nesse caso, preciso rever meu orçamento.

Não tive tempo de responder, pois Julia Borowska entrou no estabelecimento. Tinha pouco mais de quarenta anos, uma energia impressionante e o hábito de tratar qualquer atraso como uma ofensa pessoal. O bistrô era o sonho para o qual havia economizado durante anos. Depois de vender sua participação na empresa da família, decidira criar um lugar intimista, elegante, mas sem formalidades excessivas. Contratara-me para projetar o interior e Kacper para desenvolver o cardápio e comandar o restaurante. Formalmente, nós dois respondíamos a ela de maneira independente, o que a princípio me parecera uma solução sensata.

— Que bom ver vocês juntos! — exclamou, tirando o casaco. — Espero que já tenham se entendido.

Olhei para Kacper.

— Ainda estamos tentando definir o significado da expressão "se entender".

Julia riu, mas logo ficou séria quando abri os desenhos sobre a mesa. Expliquei que deslocar o balcão exigiria uma nova verificação da largura das passagens, das instalações e da distribuição dos lugares. Apresentei o custo de uma eventual reversão das alterações e indiquei os elementos que a equipe de obra não deveria tocar antes da aprovação de uma nova disposição. Não levantei a voz. Em situações assim, um tom tranquilo costumava ser mais eficaz do que a raiva, porque obrigava os outros a levar os números apresentados a sério.

— Kacper? — Julia se voltou para ele. — Por que você não me contou sobre o pedido extra?

— Porque queria testar a solução primeiro — respondeu. — Acho que a disposição atual não aproveita bem o espaço entre a cozinha e o balcão.

— Isso não responde à pergunta — observei.

Ele me olhou e assentiu.

— Você tem razão. Eu deveria ter avisado antes.

Fiquei surpresa. Havia me preparado para justificativas, talvez até uma tentativa de transferir a responsabilidade para o empreiteiro. Em vez disso, Kacper reconheceu o erro sem fazer uma grande encenação. Só que, logo depois, tirou seu próprio esboço, feito em papel quadriculado, e o colocou ao lado dos meus desenhos.

— Mas continuo achando que precisamos mudar a maneira como os pratos saem da cozinha.

Julia se inclinou sobre a mesa.

— Mostre.

Kacper apontou para a passagem estreita que ligava a área de serviço ao salão. Explicou que o cardápio planejado seria baseado em pequenas sequências de pratos preparados na hora. Queria que os clientes pudessem observar parte do trabalho da cozinha e que os garçons não precisassem passar espremidos entre as mesas carregando pratos quentes. Sua voz adquiriu uma segurança completamente diferente das provocações do dia anterior. Falava do ritmo de trabalho, da segurança e da maneira como a comida chegava até as pessoas. Não precisava recorrer a palavras impressionantes.

— Se deixarmos tudo exatamente como está no desenho, vou ter um ambiente bonito — disse. — Mas não conseguirei

conduzir a cozinha da maneira para a qual Julia me contratou.

— E, se deslocarmos o balcão conforme seu esboço, perderemos dois lugares e bloquearemos o acesso às instalações — respondi. — Sem contar que, com o salão cheio, a equipe terá menos espaço para circular, não mais.

— Você só enxerga centímetros.

— E você age como se os centímetros deixassem de existir quando está com fome.

Julia soltou uma gargalhada. Kacper me olhou com uma admiração que eu não esperava depois de um comentário tão ácido.

— Esse foi um bom argumento — admitiu.

— Qual deles?

— O da fome. Os outros ainda estou avaliando.

Mantive os olhos sobre o desenho. Se o encarasse, talvez acabasse sorrindo, e não pretendia lhe dar a satisfação de conquistar outra pequena vitória que nada tinha a ver com o projeto.

O empreiteiro, senhor Andrzej, chegou alguns minutos depois, trazendo uma trena e a relação dos pedidos. Juntos, conferimos as dimensões reais do salão. Descobrimos que um dos nichos tinha seis centímetros a mais de profundidade do que constava no levantamento inicial. Aquilo não resolvia todos os problemas, mas abria a possibilidade de ampliar a passagem sem deslocar o balcão inteiro. Kacper imediatamente sugeriu uma estrutura mais estreita, e eu lhe mostrei por que, nesse caso, faltaria espaço para guardar os copos.

— Então é não de novo — comentou.

— Por enquanto, não.

— Seu "por enquanto" soa suspeitosamente parecido com "nunca".

— Porque não gosto de prometer algo que ainda não verifiquei.

Ajoelhei-me junto ao canto marcado com fita adesiva para medir com mais precisão a distância até a parede. Kacper me entregou a ponta da trena antes que eu precisasse pedir. Durante alguns segundos, trabalhamos em silêncio, concentrados no mesmo número. Percebi que ele conseguia antecipar quando eu precisava de ajuda sem tirar o instrumento das minhas mãos nem tentar explicar como eu deveria trabalhar. Aquela atenção prática era surpreendentemente agradável.

Só quando me levantei encontrei uma solução que ainda não havia considerado.

— Podemos girar a estação de saída dos pratos em noventa graus — sugeri. — Não o balcão inteiro. Apenas sua parte interna. Se encurtarmos a prateleira técnica, criaremos um trajeto mais seguro a partir da cozinha e manteremos a quantidade de lugares.

Kacper imediatamente se agachou diante das marcações.

— E os clientes continuarão vendo a cozinha?

— De uma parte do salão, sim. Da outra, não.

— Quero que vejam o que fazemos.

— Por que isso é tão importante para você?

Ele se endireitou lentamente. Por um instante, pareceu prestes a responder com uma piada. Depois olhou em direção à área de serviço.

— Porque passei os últimos anos trabalhando em lugares onde tudo precisava parecer fácil. A pessoa recebia um prato perfeito e não fazia ideia de quanto trabalho, nem de quantas pessoas, havia por trás dele. Aqui, gostaria que fosse diferente.

Eu não esperava aquela resposta. Conhecia restaurantes nos quais a cozinha funcionava como uma fábrica invisível, enquanto o nome do chef importava mais do que a equipe. Ouvindo Kacper, comecei a compreender que sua preocupação não era apenas conforto ou ambição. Ele desejava um lugar onde a maneira de preparar uma refeição tivesse tanta importância quanto seu sabor.

— Podemos deixar visível uma parte da estação próxima à entrada — propus. — Sem expor a cozinha inteira. Mostrar o trabalho, mas esconder a área de lavagem e as instalações técnicas.

— E a iluminação?

— Vou projetá-la para que as pessoas vejam o movimento, não cada irregularidade da tábua de cortar.

Ele sorriu devagar.

— Era exatamente a resposta que eu estava procurando.

— Poderia ter começado fazendo a pergunta.

— Estou começando a desconfiar que você vai me lembrar disso muitas vezes.

— Se for necessário.

Julia bateu palmas como se tivéssemos acabado de assinar um tratado de paz.

— Maravilhoso. Então temos uma solução?

— Temos uma direção — corrigi. — Preciso de dois dias para recalcular as medidas e consultar o responsável pelas instalações. Só depois poderemos aprovar as alterações.

Kacper cruzou os braços.

— E se descobrirmos que não dá para fazer?

— Então procuraremos outra solução.

— Não vou aceitar uma disposição em que a cozinha fique subordinada exclusivamente à aparência do salão.

Ele falou com tranquilidade, mas também com firmeza. Já não tentava transformar a discussão em brincadeira. Pela primeira vez, vi nele alguém verdadeiramente disposto a estabelecer um limite, mesmo que isso complicasse o empreendimento inteiro.

— E eu não vou assinar um projeto que não atenda às exigências funcionais e de segurança — respondi. — Podemos ter prioridades diferentes, Kacper, mas ambos somos responsáveis pelas consequências.

— Então que nenhum de nós sirva de decoração para o outro.

Aquelas palavras me fizeram parar por um momento. Eram exatamente o que eu própria tentava dizer, embora partindo de outra perspectiva.

— Combinado — respondi.

Julia nos observava com evidente alívio. Enquanto discutia o cronograma com o empreiteiro, recolhi meus documentos e anotei os principais acordos. Kacper se aproximou da mesa onde estavam as amostras de tecido. Pegou um pedaço de linho destinado ao estofamento e o aproximou da parede bordô.

— Isso realmente vai estar em todas as cadeiras?

— Em algumas. As outras terão assentos de madeira.

— Gostei. Parece um lugar onde alguém poderia ficar mais tempo do que havia planejado.

— Desde que ninguém resolva pintar as outras paredes.

Ele riu baixinho, mas depois colocou a amostra sobre a mesa.

— Ontem passei dos limites — disse. — Não pela ideia. Pela maneira como a coloquei em prática.

Olhei para ele com mais atenção. Um pedido de desculpas ainda não garantia uma mudança, mas percebi que, pelo menos, não estava tentando escondê-lo atrás de outra piada.

— Obrigada por dizer isso.

— Não se acostume. Ainda vamos discutir bastante.

— Discutir não me incomoda. Tomar decisões por conta própria, sem consultar ninguém, sim.

— Entendido.

Eu não sabia se ele realmente compreendera a diferença. Queria acreditar que sim, porque, durante a última hora, havia visto o suficiente para começar a respeitar sua competência. Ainda assim, lembrava-me das peças extras de acabamento e do desenho que eu nunca tinha visto.

Quando Julia foi embora, fiquei um pouco mais para fotografar as medidas. Kacper estava perto da janela, conversando pelo telefone com um fornecedor. Não ouvi a conversa inteira, mas seu tom era objetivo, sem a leveza provocadora que costumava reservar para mim. Em determinado momento, virou-se, percebeu que eu ainda trabalhava e, sem dizer nada, mudou uma luminária provisória de lugar para iluminar melhor o canto.

Aquele pequeno gesto me pareceu mais pessoal do que todos os seus elogios anteriores.

— Obrigada — falei quando ele encerrou a ligação.

— Pela luz?

— Por não tentar me explicar como devo medir.

Ele me observou por um instante, divertido.

— Tenho trinta e sete anos, Mira. Já aprendi que não preciso fazer tudo sozinho.

Pensei na parede bordô e nas peças extras de acabamento.

— É mesmo?

— Eu disse que aprendi. Não que sempre me lembro disso.

Dessa vez, sorri.

Seu olhar permaneceu sobre meu rosto por uma fração de segundo a mais. Ele, porém, não se aproximou nem aproveitou o momento para fazer outra provocação. Aquela contenção me surpreendeu mais do que sua confiança anterior.

— Vou enviar meus comentários sobre o esboço antes do fim do dia — falei, fechando a bolsa.

— E eu vou preparar os requisitos detalhados para a estação de saída dos pratos.

— Sem encomendar absolutamente nada?

— Sem encomendar absolutamente nada.

Quando eu estava saindo, ele ainda me chamou junto à porta.

— Mira?